

Zélia Amador de Deus ancestralizou

Zélia Amador de Deus ancestralizou. Foi viver seus novos começos, e essa talvez seja a forma mais justa de falar de uma mulher cuja trajetória nunca coube na ideia de encerramento. Sua vida foi marcada pela abertura de caminhos, pela criação de possibilidades e por uma disposição permanente para transformar os lugares por onde passou. Para nós, do Comitê de Antropologia Negra Brasileira, sua ancestralização nos alcança com tristeza, mas também com a consciência de que sua presença permanece profundamente inscrita nas instituições que ajudou a transformar, nas pessoas que formou, nas políticas que construiu e nas redes que soube tecer ao longo de toda a vida.

Nascida no Marajó paraense, Zélia Amador de Deus construiu uma das trajetórias mais expressivas da intelectualidade negra brasileira. Mulher negra, amazônida, professora, pesquisadora, atriz, diretora de teatro, militante do movimento negro e gestora universitária, fez de sua própria existência um lugar de encontro entre arte, política, produção do conhecimento e transformação social. Sua trajetória acadêmica esteve profundamente ligada à Universidade Federal do Pará, onde se formou, tornou-se professora e ocupou diferentes posições de gestão, entre elas a Vice-Reitoria, entre 1993 e 1997, chegando a um espaço historicamente marcado pela presença branca e masculina e fazendo de sua presença ali algo muito maior do que uma conquista individual.

Mas Zélia não pode ser compreendida apenas a partir dos cargos que exerceu, das instituições que integrou ou dos reconhecimentos que recebeu. Havia nela uma inquietação permanente, uma curiosidade viva, uma jovialidade que parecia resistir à passagem do tempo e uma impetuosidade que a levava a não aceitar com facilidade aquilo que se apresentava como definitivo. Zélia era criativa no pensamento, nas estratégias políticas e nas formas de relação. Era capaz de olhar para uma estrutura aparentemente rígida e imaginar nela alguma brecha, algum caminho possível, alguma maneira de deslocar aquilo que parecia imutável.

Essa impetuosidade, entretanto, nunca se confundiu com distanciamento ou dureza. Uma das marcas mais bonitas de Zélia era justamente a capacidade de

combinar firmeza política e gentileza, coragem e acolhimento. Quem teve a oportunidade de conviver com ela conheceu uma mulher carinhosa, generosa na escuta, disponível ao encontro e capaz de construir relações sem transformar sua autoridade intelectual em distância. Sua presença tinha força, mas também tinha calor. Havia nela a capacidade de acolher pessoas, incentivar trajetórias, escutar experiências e fazer com que outras pessoas percebessem que também poderiam ocupar espaços que, muitas vezes, lhes haviam sido apresentados como inacessíveis.

Ainda jovem, Zélia participou do movimento estudantil e das lutas políticas durante a ditadura militar. Ao longo das décadas seguintes, tornou-se uma das principais referências do movimento negro na Amazônia. Em 1980, participou da fundação do Centro de Estudos e Defesa do Negro do Pará, o CEDENPA, organização fundamental para a construção da luta antirracista na região Norte e para a defesa dos direitos das populações negras e quilombolas. A partir dessa experiência, sua atuação política passou a articular, de maneira cada vez mais intensa, movimento social, universidade, formação intelectual e disputa por políticas públicas.

Na Universidade Federal do Pará, essa atuação assumiu especial importância na construção das políticas de ações afirmativas. Zélia esteve entre aquelas pessoas que compreenderam muito cedo que a universidade brasileira não poderia continuar discutindo democracia sem enfrentar a desigualdade racial que estruturava seu próprio funcionamento. Sua contribuição para a implementação das cotas raciais e para a ampliação do acesso de estudantes negros e quilombolas à universidade faz parte de um processo histórico que modificou profundamente o ensino superior brasileiro. Ela não apenas entrou na universidade e construiu uma carreira dentro dela; ajudou a modificar as condições pelas quais outras pessoas negras poderiam também entrar, permanecer e produzir conhecimento.

Sua produção intelectual acompanhou esse percurso. Em *Os herdeiros de Ananse: movimento negro, ações afirmativas e cotas para negros na universidade*, Zélia transformou em reflexão acadêmica aquilo que conhecia também pela experiência política e institucional. A figura de Ananse, a grande tecelã das tradições africanas, oferece uma chave particularmente potente para compreender sua própria

trajetória. Zélia construiu redes, aproximou pessoas, articulou movimentos, promoveu encontros entre universidade e militância e ajudou a formar gerações que continuariam aquilo que sua própria geração havia iniciado. Sua intelectualidade nunca esteve separada da ação e sua ação nunca prescindiu de reflexão.

É também por isso que sua contribuição para a antropologia brasileira não deve ser medida apenas a partir de uma inserção disciplinar estrita. Zélia ajudou a transformar as condições sociais e institucionais nas quais a própria antropologia passou a ser produzida no Brasil. Sua atuação contribuiu para que pessoas negras pudessem ocupar mais intensamente a universidade, produzir conhecimento sobre suas próprias experiências e questionar as formas pelas quais os saberes acadêmicos haviam historicamente construído seus objetos, suas hierarquias e seus silêncios. Sua trajetória encontra, portanto, a antropologia não apenas nos textos, mas no enfrentamento concreto das estruturas que organizam quem pode produzir conhecimento e ser reconhecido como sujeito intelectual.

Em julho de 2026, durante a 35ª Reunião Brasileira de Antropologia, Zélia Amador de Deus recebeu da Associação Brasileira de Antropologia a Medalha Josildeth Gomes Consorte de Contribuição à Antropologia Brasileira no Enfrentamento ao Racismo e às Discriminações Correlatas. Para o Comitê de Antropologia Negra Brasileira, aquele reconhecimento possuía um significado particularmente importante, porque inscrevia institucionalmente aquilo que tantas gerações de pesquisadoras e pesquisadores negros já reconheciam: Zélia ajudou a criar condições para que a presença negra na universidade e na própria antropologia brasileira pudesse se ampliar e se fortalecer.

Poucas semanas antes de ancestralizar, Zélia plantou um baobá na Universidade Federal do Pará. Hoje, esse gesto adquire uma dimensão especialmente poderosa. O baobá, árvore profundamente relacionada às ideias de memória, ancestralidade e continuidade, permanecerá crescendo justamente no território institucional que ela ajudou a modificar ao longo de tantas décadas. Suas raízes se aprofundarão, sua copa se ampliará e outras gerações poderão encontrar sua sombra. Há algo de profundamente coerente nesse gesto final de uma mulher cuja vida inteira esteve ligada à capacidade de plantar aquilo que talvez outras pessoas viessem a colher.

Talvez seja também assim que possamos compreender sua ancestralização. Zélia permanece naquilo que tornou possível, nas políticas afirmativas que ajudou a construir, no movimento negro amazônico que fortaleceu, na Universidade Federal do Pará que ajudou a transformar, nas pessoas que acolheu e nas gerações que encontram hoje caminhos mais largos porque ela esteve entre aquelas que começaram a abri-los. Permanece também em seu jeito carinhoso, em sua gentileza, em sua jovialidade, em sua criatividade e naquela impetuosidade que parecia insistir que sempre havia algo mais a ser feito.

Para nós, do Comitê de Antropologia Negra Brasileira, ancestralizar Zélia é também assumir a responsabilidade de continuar tecendo as redes que ela ajudou a construir. É compreender que homenagear sua trajetória não significa apenas lembrar aquilo que realizou, mas reconhecer os compromissos que sua existência deixa para aqueles e aquelas que permanecem. Sua vida nos recorda que transformar instituições exige coragem, mas também imaginação; exige enfrentamento, mas também capacidade de construir coletivamente; exige firmeza, mas não precisa prescindir do afeto e da gentileza.

Zélia Amador de Deus ancestralizou e foi viver seus novos começos. Nós seguimos por aqui, com a responsabilidade de cuidar dos caminhos que ela abriu, fazer crescer aquilo que plantou e acrescentar novos fios às teias que ajudou a construir. Sua presença permanece entre nós, não apenas como memória, mas como força, referência e possibilidade de futuro.

Comitê de Antropologia Negra Brasileira
Associação Brasileira de Antropologia